



A CONCEPÇÃO DE CORPO ABORDADA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD) 2012-2014

Estefânia Ferreira Costa Machado¹
André V. de Barros Barreto²

¹IFG - Câmpus Jataí (Bolsista Fapeg)/ estefaniacmachado@gmail.com

²IFG – Câmpus Anápolis/ avbbarreto@hotmail.com

Resumo:

Esse trabalho aborda pesquisa em andamento do Mestrado Profissional em Educação para Ciências e Matemática e tem como tema: a Concepção de Corpo Abordada nos Livros Didáticos de Biologia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2012. O objetivo principal é investigar e analisar sob que concepção o corpo humano é abordado e representado nos livros didáticos de Biologia do PNLD-triênio 2012/2014. O entrelaçamento entre Livro Didático de Biologia e Corpo é uma temática inovadora na contemporaneidade. Há pesquisas que registram investigações sobre o Livro Didático sob variadas vertentes, por outro lado, o assunto corpo também se configura como objeto de estudo das mais diferentes áreas do conhecimento. Historicamente, percebemos que o corpo foi interpretado sob uma ótica dualista, mecanicista e biologicista. Neste sentido, importa-nos perceber como o corpo humano atualmente é enfatizado na escola por uma área do conhecimento na qual seu estudo é apropriado.

Palavras-chave: corpo; livro didático; escola.

1. Introdução

A presente pesquisa tem como tema a Concepção de Corpo Abordada nos Livros Didáticos de Biologia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2012/2014.

Em se tratando do livro didático, é sabido que este se configura como objeto de análise de diferentes áreas do conhecimento, as quais se preocupam em analisá-lo e criticá-lo sob variadas vertentes, abordando aspectos sociais, políticos e linguísticos, que se complementam na tentativa de buscar dar maior qualidade ao ensino no interior das unidades escolares.

De acordo com Loguércio (1996), o livro didático não é simplesmente um instrumento capaz de auxiliar a prática docente, ele é um produto comercial, e, por isso, tem a intenção de lucro na sua fabricação. Desde a produção até sua chegada às mãos dos alunos, o livro didático passa pela comercialização, aceitação e escolha por parte de governos e dos professores regentes. Muitas vezes essa trajetória contribui para que o livro esteja distante do contexto daquele a quem se destina.

Núñez et al. (2006) comentam o fato de o livro didático ter se tornado o principal controlador do currículo. Entretanto, os mesmos autores, dizem que independente das críticas

tecidas em torno do livro didático e do avanço tecnológico que poderia eliminar seu uso, é quase improvável que isso aconteça. Daí a necessidade de ainda continuar a produzir estudos que focalizem nas questões relacionadas ao livro didático, o qual continuará a acompanhar o estudante em sua vida acadêmica, exercendo importante elo entre o processo ensino aprendizagem e a família.

A temática corpo também é objeto de discussão das ciências naturais, humanas e sociais, que se embasam no esforço de compreender e, talvez, nortear a uma concepção de corpo que consiga abranger o ser humano, ora negando ou reforçando o caráter mecanicista e biologizado do corpo do homem, ora enfatizando o corpo pela sua subjetividade ou aspecto social, conforme destaca Mendes (2002).

Nesse sentido se faz pertinente contextualizar o corpo abordado no livro didático de Biologia analisando a linguagem que envolve essa temática. Assim, destacamos a fala de Chauí (2006, p. 151): “ A linguagem é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para comunicação entre pessoas e para expressão de ideias, valores e sentimentos.”

2. O porquê da pesquisa

É comum, em termos práticos, percebermos o quanto a escola nega o corpo no processo ensino aprendizagem, reforçando o dualismo corpo/mente, sempre rechaçando o primeiro em detrimento da supremacia da mente. Isso acaba se configurando como um paradigma absorvido culturalmente até mesmo pelos alunos.

A fragmentação do sujeito, separando-o de seu corpo ou até negando a existência desse corpo acontece na escola cotidianamente e por que não dizer na sociedade?

[...] ao debruçar-nos sobre o tema da educação do corpo, não podemos deixar de reconhecer que a escola, como instituição eminentemente moderna, traz consigo formas muito peculiares de tratar o corpo, modelando-o de acordo com os interesses civilizatórios [...] ao analisar as práticas corporais na escola, percebemos um constante esforço de negação do corpo. (OLIVEIRA, 2006, p. 57).

Medeiros (1998) apresenta uma síntese da visão de corpo em diferentes épocas, tendo como base o estudo da Filosofia. Segundo a autora, na Filosofia Antiga temos um corpo coisificado e a dicotomia entre alma e corpo, sendo o último uma cópia imperfeita da primeira. Observa-se nesse contexto a supremacia da alma sobre o corpo. Já na filosofia Medieval, quando se registra o dilema entre fé e razão, o corpo é subjugado e tratado como elemento dispensável, sendo considerado o cárcere da alma. Prosseguindo, na Filosofia

Moderna, marcada pela razão, vemos uma atenção voltada para valorizar a ciência e nesse sentido, com os estudos cartesianos, encontramos um corpo fragmentado, dividido em partes e mecanizado.

Hoje, com base em Le Breton (2003) o que se percebe é que o corpo continua visto sob a concepção do homem máquina, mantém o status de objeto imperfeito, sendo um rascunho a ser corrigido e que passa, ainda, à condição de acessório. Le Breton (2011) diz que ao longo do tempo construiu-se uma paradoxal concepção de corpo. De um lado, ele é visto como limite de fronteiras entre o indivíduo e o mundo, de outro lado, é concebido como dissociado do homem- por isso um acessório. Segundo o autor, há uma bipolaridade: uma visão de corpo mais com um ter do que um ser. Assim, além de se afastar do corpo, o homem o deprecia.

Ao pensar nas práticas pedagógicas, sabe-se que a maneira que o corpo é representado e abordado expressam justamente a concepção que se tem sobre o mesmo na sociedade. Isso significa que a escola ao mesmo tempo em que reproduz uma concepção de corpo socialmente construída também fomenta a construção e reprodução de uma concepção para além dos limites escolares. Nesse sentido, localizamos o Livro Didático como instrumento de comunicação, capaz de universalizar uma concepção de corpo.

O foco desse estudo é justamente investigar e analisar sob que concepção o corpo humano é abordado e representado nos livros didáticos de Biologia do PNLD 2012/2014, sendo possível destacar algumas questões que conduzirão a investigação: Qual a concepção de corpo abordada nos livros didáticos de Biologia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2012? Como o corpo humano é tratado e representado em tais livros?

Responder a essas questões nos fará perceber a concepção que a escola trabalha o corpo por meio do Livro Didático, o qual comunica uma concepção e é capaz de universalizá-la.

3. Resultados esperados e já alcançados

A pesquisa bibliográfica, em andamento, já nos revelou alguns dos autores que apresentam preocupação sobre a relação entre escola e corpo. Nóbrega (2005) não vacila em perguntar qual o lugar do corpo na educação? A autora apresenta um levantamento da influência do projeto Iluminista na educação do corpo que culmina em, ainda, questionar o lugar do corpo nos currículos escolares.

Nesse sentido Gaya é taxativo ao considerar que o corpo não vai à escola:

[...] nosso ensino tradicional é prioritariamente razão. Fala-se em complexidade, mas o corpo não vai à escola. Talvez vá, mas permanece sentado, disciplinado no silêncio e passividade de uma estátua de mármore. Ou, quem sabe, tal como marionete. Move-se por mecanismos articulados a partir de um conjunto de fios que se mantém sob o controle dos professores (GAYA, 2006, p. 253).

Ainda encontramos na pesquisa bibliográfica os estudos de Maturana (2001), que propõe a teoria da autopoiese. Tal teoria é capaz de proporcionar o estudo dos seres vivos a partir de suas relações com o entorno, ligando ações biológicas e fenômenos sociais. Tal teoria trouxe uma nova concepção de biologia. Daí uma nova abordagem ao corpo humano.

O entrelaçamento entre Livro Didático de Biologia e Corpo é uma temática inovadora na contemporaneidade. Há pesquisas que registram investigações sobre o Livro Didático, sob as mais variadas vertentes, outras que apontam para o trato dado à disciplina de Biologia no interior das unidades escolares. Encontramos nesse sentido trabalhos que abordam o Livro Didático de Ciências, mas não fazendo o recorte em torno do Corpo. Sobre este, também encontramos discussões em áreas distintas do conhecimento, perpassando pelas Ciências Naturais, Humanas e Sociais, ou até mesmo buscando possíveis diálogos entre as mesmas.

Meyer e Vargas (1988) produziram uma pesquisa analisando o corpo humano no livro didático. O estudo se faz importante para nossa reflexão. As autoras identificaram que o corpo trabalhado nas aulas de Ciências, através dos livros, se configurava muito mais como didático do que como humano, era um corpo estável, sem idade e mecânico.

Foucault (1987) aborda questões ligadas ao corpo, chama a atenção para seu adestramento pela lógica capitalista, que além de adestrar, induz e estimula o corpo a se aliar às técnicas de controle e administração da vida, Foucault (1987) apresenta estudos sobre as técnicas punitivas, destacando o corpo como sendo objeto de domínio. Suas obras se configuram como importantes nessa investigação.

Barreto (2008) também desenvolve estudos e pesquisas sobre a temática corpo. Em um de seus trabalhos, o autor aborda a possibilidade e necessidade de estabelecer um diálogo entre Foucault e Reich. Isso porque Barreto (2008) não desconsidera as produções de Foucault, entretanto ressalta seu aspecto simbólico, abstrato e, por isso, restrito. Barreto (2008) considera a necessidade de um corpo vivo, que consiga conciliar tanto o campo simbólico como material.

É preciso, por tanto, recuperar a biologia viva do corpo, e não condená-la como se o corpo físico se fizesse cúmplice daquilo que dele faz o biopoder contemporâneo (em especial o saber biomédico). O antídoto contra a reificação do corpo não passa pela

sua rejeição pura e simples, nem pela recusa da sua materialidade biológica...passa exatamente pela sua recuperação enquanto potência viva. (BARRETO, 2008, p. 37)

Seguindo esse raciocínio, é necessário restituir ao corpo uma polissemia dialógica, articulando reflexões de diferentes correntes de pensamentos.

Prosseguindo com a trajetória traçada para pesquisa, encontraremos nos livros didáticos de Biologia indicados pelo PNLD, os quais já foram selecionados para análise, as respostas que nos farão chegar aos resultados finais desse trabalho.

4. Considerações Finais

O livro didático está presente na escola há muito tempo, mas as discussões em torno do mesmo ganharam espaço a partir dos anos 30 do século passado. É justamente no início de 1930 que há uma política de nacionalização e abertura da escola para todos, fruto do movimento Escola Nova, como apontado por Saviani (2008). Com o aumento na demanda de alunos e escolas, ficou latente a falta de professores habilitados, o que fez com que o livro didático se tornasse ferramenta importante no processo educativo.

De lá para cá diversos estudiosos e pesquisadores têm se desdobrado no sentido de investigar implicações ligadas ao livro didático enquanto ferramenta pedagógica. Os estudos seguem caminhos distintos, com investigação em torno de pressupostos políticos, filosóficos, sociais, culturais ou linguísticos que envolvem desde a construção, escolha e até uso do livro didático e sua relevância.

A importância de se analisar a temática se faz no sentido de perceber a concepção de corpo e, conseqüentemente, de homem que é comunicada nas escolas de ensino médio por meio do livro didático. Apropriamos-nos da fala de Merleau-Ponty (1999), o qual chama a atenção para a necessidade de perceber o corpo como sendo o próprio ser, meio de existência e comunicação.

5. Referências

BARRETO, André Valente de Barros. Corpo, poder e resistência: o diálogo possível entre Foucault e Reich. **Tempo da Ciência**. (15) 30: p.21-43, 2º semestre, 2008. Disponível em <http://www.e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/> . Acesso em 20 maio 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011

LOGUÉRCIO, Rochele. Construção de uma proposta para o ensino de ciências na 8ª série junto a professores na sua realidade de escola. **Cadernos da PROGRAD**. Porto Alegre: UFRS, 1996.

MATURANA, Humberto. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Trad. De Humberto Mariotti e Lia Disk. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MEDEIROS, Mara. **Didática e prática de ensino da educação física**: Para além de uma abordagem formal. Goiânia: Ed. UFG, 1998.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Corpo, Biologia e Educação Física. In *Rev. Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 24, n.1, p. 9-22, set. 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEYER, Monica Ângela de Azevedo; VARGAS, Cláudia Domingues. O corpo humano no livro didático ou de como o corpo didático deixou de ser humano. **Educ. Rev.** Belo Horizonte 12-18, dez. 1988.

NÚÑEZ, Isauro Beltrán, et al. A seleção dos livros didáticos: um saber necessário ao professor: o caso do ensino de ciências. **Revista Iberoamericana de Educación** (ISSN: 1681-5653). Disponível em <http://www.rieoei.org/deloslectores/427Beltran.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2012.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Campinas, SP. Autores associados: 2008.